

Chicoria

O sr. ministro do fomento vai publicar um decreto, diz-se, restringindo certas culturas.

Então não se esqueça da chicoria, meu amigo! Esta cultura prejudicou a cultura do milho enormemente. Andamos para publicar, e só não o temos feito por falta d'espáço, um artigo sobre isso ha muito tempo.

A chicoria, sr. Fernandes Costa, a chicoria! Não é de chicoria que nós precisamos, é de pão para comer.

Veja lá se não se esquece d'isso, sr. ministro do fomento!

força-los. Mas desde que a brandura dos costumes o não permite, que a opinião publica, ao menos, imponha temor e respeito, e n'elles não ha respeito sem temor, aos bandidos.

E' um espectáculo hediondo, que não se nota em nenhum outro paiz em guerra. Em que paiz se vê isto? Na França? Na Inglaterra? Na Belgica? Digam lá! Descubram, se são capazes, uma vileza como esta.

Abaixo os canalhas!
Fóra os bandidos!

"O De Aveiro,"

Vende-se na Figueira da Foz na Tabacaria Malafaia.

OS JESUITAS

Oliveira Martins, na questão do ensino, segue passo a passo D. Antonio da Costa na sua *Historia da Instrução Popular em Portugal desde a fundação da monarchia até aos nossos dias*. E já que falamos n'este auctor e na sua obra, seja-nos permitido pôr em relevo mais uma contradição flagrante dos historiadores portuguezes. Contradição e acto de má fé. D. Antonio da Costa, a pags. 82 da 2.ª edição da obra já citada, diz:

Se isto foi assim no tempo de um rei português, comquanto mais razão deixaria de ser no subseqüente período da dominação castelhana? Aos Filippes deparava-se, na influencia jesuitica, uma arma excellente para a segurança do throno, razão confirmada pela reforma da universidade de Coimbra por Philippe III, tendente a annullar a instrução essencialmente portugueza, acrescentando ainda o ter o mesmo Philippe III, em 1610, pretendido supprimir em Portugal todas as escolas, excepto as duas universidades de Coimbra e de Evora, o que também demonstra a importancia d'esta ultima.

Vimos no artigo aqui publicado em 10 de dezembro, n.º 39, que Oliveira Martins escreve na sua *Historia de Portugal* (tomo segundo, pags. 99, 8.ª edição) que «filho amado, seu Paraguy da Europa, a Companhia reconheceu por fim que não lhe convinha ver Portugal agrihoado á vizinha Hespanha. Por fim! Portanto, ainda aqui Oliveira Martins vae nas peguadas de D. Antonio da Costa insinuando—aquele di-lo claramente—que os jesuitas foram instrumento da dominação castelhana. Isto é inteiramente opposto á verdade historica. Está absolutamente provado o contrario. E, contudo, teima-se na insidial Pinheiro Chagas, seguindo Rebello da Silva, o nosso velho historiador sobre o periodo da incorporação de Portugal na Hespanha, escreve, como vimos no n.º 38 d'este semanario: «E devemos dizer em honra dos jesuitas que, bem longe de favorecerem a invasão de Philippe II, não teve o monarcha hespanhol mais tenazes inimigos.» Mas como seria um sacrilegio dizer uma verdade em favor dos jesuitas, immediatamente procurou tirar-lhe o effeito, acrescentando: «Não entrava n'isso decerto pensamento patriótico, mas Philippe II, monarcha essencialmente inquisitorial, não era affeição á Companhia e esta preferia uma soberana docil como D. Catharina a um rei desaffeiçãoado e poderoso.» D. Antonio da Costa e Oliveira Martins, esses não se quizeram dar ao trabalho de desmentir os factos com as intenções: os jesuitas foram instrumentos da absorção castelhana, uma arma excellente para a segurança do seu dominio, e só por fim reconheceram que não lhes convinha Portugal agrihoado á vizinha Hespanha. E' caso para se dizer: *Vão lá ser juiz com taes mordomos!*

Mas é em tudo assim, como temos dicto. «Havia já tres annos palavras da transcripção aqui feita no penultimo artigo de um trecho da *Historia de Portugal* de Oliveira Martins—que os jesuitas tinham transformado em Universidade o seu collegio de Evora, por não poderem apropriar-se de Coimbra». Mas como foi que elles se não puderam apropriar de Coimbra, se o mesmo Oliveira Martins nos diz que a *decidida protecção da coroa breve lhes confiou o monopolio do ensino?*

A paginas 95 do tomo segundo da *Historia de Portugal*, escreve Oliveira Martins:

Em 1542 fundou-se o collegio de Coimbra, logo depois o de Sautins, no Minho; em 1554 o cardinal D. Henrique, depois rei, fundou o de Evora; em 1560 abriu-se o do Porto; e ao cabo de vinte e cinco annos, depois da introdução da Companhia, os seus collegios estavam espalhados por todo o reino. Não bastava, porem, collocar ao lado da antiga instrução, o novo methodo: a Companhia não queria concorrer apenas, queria dominar absoluta. Enquanto o não conseguia, lia combatendo contra as ordens monasticas que se queixavam de que os jesuitas lhes roubavam os moços mais intelligentes, espalhando emissários pelo reino a arrebanhar discipulos, reduzindo o preço das matriculas. A *decidida protecção da coroa, porem, breve lhes confiou o monopolio do ensino*. Em 1555 D. João III entregou-lhes o Collegio das Artes do Coimbra, onde se estudavam os preparatorios da Universidade, prohibindo que os alumnos *ouvissem* nas facultades de Direito e Canones, sem a certidão de exames no Collegio. Em 1559, por fim, não conseguindo confiscar a Academia de D. Diniz, transferiram o collegio de Evora em Universidade,

para bafer Coimbra, e o exito correspondeu ao proposito: em 1660 Evora doutorava 248 alumnos e 404 cincoenta annos depois.

Ora se a decidida protecção da coroa lhes confiou, como de facto confiou, o monopolio do ensino, se elles estavam senhores do Collegio das Artes, como na verdade estavam, de facto tinham confiscado a Academia de D. Diniz e não precisavam da universidade de Evora para bafer Coimbra.

D. Antonio da Costa, que é, n'este ponto, o informador de Oliveira Martins, diz-nos, a pags. 77 da obra já citada:

O collegio das artes com a direcção de todas as escolas de humanidades foi entregue por D. João III aos jesuitas em 1555. Isto já era muito, mas não era tudo. A docilidade do rei dobrava-se facilmente aos afagos da sua filha predilecta. Outra disposição completou a primeira. O alvará de 13 de agosto de 1561 (da rainha D. Catharina) prohibiu que os estudantes se matriculassem nas facultades de canones e de leis na universidade de Coimbra, se não apresentassem certidão do collegio das artes. A *universidade, o ultimo reduto e o mais fortificado, ficava d'este modo enfeudada aos jesuitas*.

Mas se a docilidade do rei se dobrava facilmente aos afagos da sua filha predilecta, se a docilidade da rainha D. Catharina ainda era maior, e era, e se a academia de D. Diniz ficava enfeudada aos jesuitas, não precisavam estes de crear a universidade de Evora para vencer a de Coimbra, como D. Antonio da Costa tanto se esforça por demonstrar.

Quizeram os jesuitas ter n'uma universidade propria a chave mestra da companhia, o seu quartel general, contra a universidade de Coimbra. Emponho-se durante dois seculos uma luta gigante, em que ficou debaixo Coimbra, mas sem consentir que a sua rival governasse sozinha. Neste ponto a companhia encaraou-se n'um principio poderoso, e a universidade de Evora tornou-se a ideia fixa d'esse principe. Cardeal, regente, rei, em todas as posições, foi D. Henrique o sustentáculo d'aquelle estabelecimento. Contra todos os obstaculos luctou e todos os obstaculos vendeu. Não parecia uma simples convicção que lhe movia o intento; mas uma paixão que lhe seduzia o espirito. Fundador do collegio de Evora no anno de 1551, logo o tomou o desejo de converter o collegio n'uma universidade que pudesse competir com a de Coimbra, diz ingenuamente o celebre chronista da companhia. N'estas seis palavras, n'esta singela declaração encerra-se a historia da universidade de Evora, a sua origem, organização e resultados.

Que pudesse competir com a de Coimbra em sciencia, em valor instructivo e educativo, em reputação, em fama, em resultados uteis para todos e em particular para a influencia jesuitica. Mas que crime havia n'isso? E como concluir d'ahi que a Companhia pretendia anniquillar a universidade de Coimbra?

O celebre chronista era Balthazar Telles, que escreveu a *Chronica da Companhia de Jesus*. D. Antonio da Costa cita-o muitas vezes. Mas logo se esqueceu—é esta a imparcialidade de todos os escriptores portuguezes—do que elle diz a pags. 610, parte 2.ª, da chronica referida. Ahi conta que pretendendo a regente D. Catharina, durante a menoridade de D. Sebastião, que os jesuitas tivessem a seu cargo as cadeiras de theologia na universidade de Coimbra, o Padre provincial, Miguel de Torres, recusou, allegando que não faltavam ás outras ordens religiosas homens abalisados para isso.

Note-se que o interesse d'este ponto consiste apenas em demonstrar de novo a paixão, a parcialidade, a má fé dos escriptores portuguezes, que, sendo gerats, sobretudo se accentuam ao tratar-se de jesuitas. De resto, não ha duvida nenhuma de que os jesuitas dominaram *tudo o ensino*. Mais um motivo para que elles não pretendessem anniquillar, mas *apoderar-se* da universidade de Coimbra. Fizeram aqui o que fizeram e ainda hoje fazem em toda a parte quando podem: crear uma universidade exclusivamente sua, dando-lhe o brilho e o esplendor possiveis. Mas não seriam tão estupidos, —a mania que esta gente tem de chamar intelligentes aos jesuitas attribuindo-lhes ao mesmo tempo actos estupidos,—que, podendo dominar em duas universidades, quizessem ter só uma.

Portugal não constituiu de modo algum uma excepção na Europa, como pretendem D. Antonio da Costa, Oliveira Martins e tantos outros. Já mostrámos

n'um artigo anterior que o numero dos estabelecimentos de ensino jesuiticos era proporcionalmente maior na França, na Italia e em Hespanha. Esse ensino era essencialmente catholico, era e é, dentro do objectivo da Companhia. Aceito pelo espirito da epocha, e sendo o capitulo mais importante do programma da Ordem, havia de se tornar, como se tornou, absorvente. E, n'esse caso, ou elle bestializou todos os povos da Europa, ou não foi a causa da bestialidade portugueza. Ora os escriptores mais insuspeitos, d'Alembert, por exemplo, attestam os seus resultados excellentes. Escreve d'Alembert, a pags. 42-43 da sua obra *La destruction des Jésuites*:

Louis XIII qui régna après Henri IV, ou plutôt Richelieu, qui régna sous son nom, continua de favoriser les Jésuites; il pensait que leur zèle et leur conduite régulière seraient tout à la fois d'exemple et de frein au clergé, et que la permission d'enseigner qu'on leur accordait et dont ils s'acquittaient avec succès, serait pour les Universités un objet d'émulation.

Ce grand ministre ne se trompait pas. On ne peut disconvenir que les Jésuites, et surtout ceux de France n'aient produit un grand nombre d'ouvrages utiles pour faciliter aux jeunes gens l'étude des lettres, ouvrages dont les Universités mêmes ont profité.

Ajoutons, car il faut être juste, qu'aucune société religieuse, sans exception, ne peut se glorifier d'un aussi grand nombre d'hommes célèbres dans les sciences et dans les lettres... Les Jésuites, sans exception, ont excels dans tous les genres, éloquence, histoire, antiquités, géométrie, littérature profonde et agréable; il n'est presque aucune classe d'écrivains qu'elle ne compte des hommes de premier mérite; elle a même eu de bons écrivains français, avantage dont aucun ordre ne peut se glorier.

Resumindo, isto quer dizer em portuguez que Richelieu, ministro de Luis XIII, continuou a proteger os jesuitas, e que fez bem, já para os converter em freio dos padres, já para com elles os estimular, já para servirem no ensino, de emulação ás universidades. Acrescenta que nenhuma outra ordem religiosa se pode orgulhar de ter produzido tantos homens eminentes nas sciencias e nas letras.

Muito mais tarde, outro homem de sciencia, o illustre chimico Chaptal, que foi ministro de Napoleão I, dizia no seu *Rapport et Projet de loi sur l'Instruction publique*:

L'établissement de la Société des Jesuites a donné aux sciences et aux lettres un appui dont elles avaient manqué jusqu'alors. Les méthodes d'enseignement se perfectionaient par les leçons d'une expérience journalière; les collèges que cette société multipliaient présentaient partout des moyens faciles à tous ceux qui voulaient s'instruire, et de tous ces foyers d'étude et de lumière, on vit sortir cette étonnante génération d'hommes éclairés qui a mérité à son siècle le nom de siècle des talents et des lumières.

Isto quer dizer que os collegios que a Sociedade de Jesus multiplicou deram por toda a parte meios facéis, a quantos se quizeram instruir, de o fazer, e que d'esses focos d'estudo e de luz sahiu uma geração espantosa de homens esclarecidos que merecem ao seu seculo o nome de seculo dos talentos e das luzes.

Só em Portugal... deu burros. Razão tem o padre Gonzaga de Azevedo, para escrever no livro já citado:

Portugal decaiu, apesar da Companhia, pois os jesuitas não fizeram o milagre de transformar os costumes e a indole nacional. Sanctificaram muitos individuos, mas a gangrena continuava invadindo o corpo da nação. Só a Deus pertence violentar as leis da vida e proferir ante os cadáveres o *Lazare veni forces*.

E' certo. O que o berço dá a tumba o leva.

Deem-lhes fadinhos. E paio com favas regado a carraseão. E... *meninos ás meninas e meninas aos meninos*. Mas temos conversado, a respeito de prazeres moraes e intellectuaes e de obras superiores do caracter ou da intelligencia.

E' fructo prohibido. Mais ou menos foi-o sempre, n'este paiz desditoso.

EM COIMBRA

Recebemos a carta que se segue:

Ex.º Senhor,

Ainda bem que V. Ex.ª deu ouvidos ás minhas palavras. Nem outra coisa era de esperar de quem tão patrioticamente tem procedido desde a declaração da guerra. Cabe a V. Ex.ª a honra de ter sido o unico jornalista que tem subido cumprir o seu dever. O resto tem sido uma banda lheira. Uns são germanofobos; outros passam o tempo com a intriga politica, sua arma predilecta, lançando cada vez mais a desorientação do espirito publico, quando tão preciso era orientá-lo no sentido patriótico em que V. Ex.ª o tem orientado.

A carta que V. Ex.ª recebeu de Coimbra, dá uma ideia aproximada do que é esta academia coimbrã, que outrora estava sempre na vanguarda de todas as ideias nobres e elevadas, e que hoje se resume a uma sacia de poltrões, de bebodes, de baloteiros e de traidores.

Tirando meia duzia dellos, o resto é uma choldra inqualificavel, que envergonha o paiz que lhe foi berço!

Al de Portugal, se um dia é dirigido por estas elites de degeneração, que renegam o santo amor da Patria e chasqueiam, com ditos soezes, aquelles que conservam com toda a pureza o amor pela sua terra! Quantas vezes fujo delles para não os ouvir!

Se eu sou dumha intolerancia feroz em materia de patriotismo!

Adoço, mesmo, quando ouço ultrajar a minha Patria. E que no recanto do paiz onde nasci, os Paes costumam casinar aos filhos que devemos amar a Patria acima de tudo, collocando a acima de todas as paixões e sentimentos. Foi esta a educação que recebi e que mantenho intransigentemente.

gentemente através desta atmosfera de traição que se respira em Coimbra. V. Ex.ª não imagina o esforço heroico que é preciso fazer-se, a fé inabalavel de que precisamos estar revestidos, para fazermos a nossa passagem por Coimbra sem nos deixarmos contagiar pela campanha germanofila que presentemente por aqui se faz. A academia é germanofila, excepção feita de poucos.

Dessejam com ardor a victoria da Alemanha, não se lembrando, os infames, que já portuguezes morreram ás mãos dos alemães, e que, dentro em pouco, os nossos heroicos soldados se baterão com as hostes germanicas. Sempre os traidores foram enforcados, mas em Portugal glorificam-se e deixam-se andar á solta. Só o povo humilde, que tão mal tem sido tratado, só esse comprehendeu a gravidade do momento que passamos. Chorei de contentamento quando vi partir esses bravos, alegres, confiantes na gloria e nos destinos desta Patria, pela qual vão derramar o seu sangue, não pensando sequer que muitos não voltarão a pisar este abençoado torrão.

E é nesta hora de sacrificio que a fina flor academica de Coimbra dá o exemplo da traição e da cobardia. Ha estudos que fogem (muitos sejam para sempre) e esse gesto do renegados e olhado com simpatia por estes infames, que exclamam: fizeram muito bem; nós faziamos o mesmo! E' isto o que se ouve dessas bocas, que não emudecem para sempre quando proferem taes palavras.

E que medidas toma o governo? Nenhunas. E' até provavel que já esteja na forja alguma amnistia para os que fugirem.

Bem diz V. Ex.ª que foi este o paiz que Offenhach descreveu na sua Gran Duquesa de Gerolstein. Mas nós, os patriotas, temos o dever de protestar sempre contra tanta infamia, até que os altos poderes se dignem ouvir-nos... Les Jésuites, sans exception, ont excels dans tous les genres, éloquence, histoire, antiquités, géométrie, littérature profonde et agréable; il n'est presque aucune classe d'écrivains qu'elle ne compte des hommes de premier mérite; elle a même eu de bons écrivains français, avantage dont aucun ordre ne peut se glorier.

O governo permitiu que medicos sem escrupulos (até me dá vontade de lhes citar os nomes) isentassem toda a gente engrugada e agora ainda permite que esses mesmos que foram isentos escarneiam os que partem. Os officiaes que constituam as juntas não procediam de melhor forma. Se os proprios reinsepçãoados lhes entregavam as cartilhas dos compadres! A consequencia foi ficarem apurados apenas os desprotegidos e assim é que nós só vemos mulheres do campo a despedirem-se dos soldados. Não podiam ser. Fazem a esses medicos e officiaes o mesmo que lhe fizeram na Italia e na França e submettam todos os isentos a novas reinsepções. Mas essas reinsepções devem ser rigorosas e por medicos que não se vendam nem se curvem perante os caciques locais. O senhor ministro da guerra deve nomear officiaes para essas juntas só os que lhe oferecerem a garantia de que será feita justiça a todos. E' melhor que funcionem juntas, mas constituídas por gente de vergonha e de caracter.

O que se observou pelo paiz fóra foi uma verdadeira miseria moral. Praticaram-se injustiças revoltantes e em qualquer outro paiz seriam punidas rigorosamente.

Bu nem sei como os militares não se recusaram a marchar sem ver encorporados os fidalgos da terra: Venham, pois, novas reinsepções, que eu quero ver partir para a guerra, ou fugir vergonhosamente para o estrangeiro, estes moços canthas que frequentam esta Universidade e que cospem contra a Patria toda a bilis do seu odio á Republica. Viva Portugal!

N'outra carta, publicada na secção *Propaganda Nacional*, accusam-se de exaggerados os nossos informadores. A tendencia nacional é um pouco para o exaggero, na verdade. Entretanto, são tão conformes as informações que de *todas as origens* nos chegam de Coimbra, al gumas de pessoas autorizadas, de toda a respeitabilidade e da nossa maior confiança, que, no conjunto, não pode haver exaggero nem erro de informação no que tem sido aqui publicado. Haveria um outro erro de facto, e esses houve-os, com effeito, e natural, por exemplo, quem conta um conto sempre lhe acrescenta um ponto, é do proverbio, —que até hoje só houvesse desertado um affonso da Academia, e que d'esse um fizessem logo tres ou quatro. O mesmo succedem em Aveiro. Aqui me vieram dizer, á esta redacção, quando infantaria 24 estava para partir, que faltavam 150 soldados! Afinal faltou só um aspirante, que, por signal, era bacharel formado, e sahido de Coimbra ha muito pouco tempo. Logo ser um bacharel formado é unico a falar, e sahido recentemente de Coimbra é má sina! Pode, pois, haver um outro erro de facto. Mas o espirito da Academia, e isso é que importa, tem sido fielmente retratado.

A Universidade de Coimbra, a Academia de ignominia n'este periodo, tão grave, tão importante, tão decisivo para o futuro do paiz. Ha de arrastar na historia essa grilheta. A Universidade e toda a Academia, no Lyceu reina o espirito germanophilo, portanto traidor, attentatorio da independencia nacional e da integridade da terra portugueza, insultoso para a nossa honra, offensivo da nossa historia, que reina no ensino superior. Foi sempre nas escolas que se encarnou a alma nacional, para vibrar, nos momentos graves e solemnes, de enthusiasmo de patriotismo, de abnegação e sacrificio. Agora só se ouviam nas escolas portuguezas, e sobretudo em Coimbra gritos de traição, de maldição contra os que tomaram a peito salvar d'um naufragio certo a nacionalidade já quasi moribunda, de precés ignominiosas, negras de infamia, a favor do inimigo.

Miseraveis, gritará a historia aos seculos sem fim! Miseraveis, digo eu desde este instante, denunciando-os, com a indignação da sinceridade de que sempre dei provas, aos historiadores futuros.

Se o poder estivesse na minha mão eu os ensinaria. Pelo menos, expulsava das cathedras a vassourada os professores caracterizadamente germanophilos, varrendo esse lixo. Ou então vão buscar ás tradições, já que elles são apóstolos da tradição, as faanhas de bronze de nossos avós, para sobre ellas fabricar as vergas da justiça com que, amarrados semi-nús ao pelourinho dos indignos, os faria açóitar na praça publica.

O auctor da carta acima publicada tem muita razão no que diz sobre isentos e desertores. Contra essas isenções clamei eu aqui, em numero seguidos.

Questões Nacionais

E' exactissimo, porque eu vi, porque alem do que vi tive noticias que me não deixam duvida nenhuma, que **fervilhou a empenhosa** e que reinou a corrupção em toda a linha. E' revoltante de iniquidade fazer marchar para a guerra os desprotegidos, deixando escapar por todas as malhas os protegidos. Faz chorar o coração e a justiça. Mas que querem? N'este paiz só houve tyrannia para castigar desassombros, como foi o meu, e o paguei duro, e opiniões politicas.

Quanto aos desertores, concordo, tambem, que não tardará para elles uma **amnistia**. Se algum precisava de ser perpetuamente banido d'esta terra, eram esses canalhas. Tanta lei de excepção que se fez para quem dizia as verdades, como era, e para quem permaneceu fiel, que era uma virtude, a monarchia. E não ha, nem haverá, uma lei de excepção banindo perpetuamente, e **confiscando-lhes os bens**, os covardes, os trai-ores, os lacraus, as serpentes, que n'esta hora suprema desertam para não combater o inimigo.

E' caso para repetir as palavras de Madame Roland, se porventura ella se preferiu: **ó Liberdade, quantos crimes em teu nome!**

Optimos!

Nós somos optimos. Adeantamos os relogios uma hora... para anoitecer mais tarde e amanhecer mais cedo.

Pois sabem a que horas deu trindades o sineiro de S. Domingos no ultimo domingo? A's nove da manhã!

Aquelle é que é a synthese da sociedade portuguesa!

Até o raio do sino de S. Domingos se tornou um dos elementos desmoralizadores da sociedade portuguesa! Esta é a nossa.

E não dizemos isto a mangar. Como se sabe, a gente do povo goiuiu-se sempre pelo toque das trindades. E' tradicional. Então imaginem o effeito do toque-ds trindades ás 9 da manhã!

Deixe estar, sineiro, que em havendo eleições, o meu voto tem você certo... para senador.

Um mandrião d'aquelles não foi talhado para sineiro. Foi mas é talhado... para senador!

Nevroses

Do sr. Procopio de Oliveira, director do Nanta, e nosso prezado amigo, recebemos um livro de versos com o titulo de **Nevroses**. Não sabemos quem o sr. Procopio de Oliveira, que tem notaveis qualidades como jornalista, era tambem poeta. Surprehendunos, por isso, o seu livro, e só depois de folhearmos vimos que não era uma **estreia**, pois o sr. Procopio de Oliveira, poeta de ha muito, já tinha escripto um outro livro de versos, intitulado **Versos do Coração**.

O sr. Procopio de Oliveira tem sentimento e tem arte e estas são as duas qualidades fundamentais do poeta. Ha no seu livro versos muito bons, e d'isso damos uma prova com a transcripção que fazemos a seguir. O sr. Procopio de Oliveira já é um bom poeta, e com o tempo será um poeta excelente. O seu livro tem direito a ser lido e deve ser lido por todos quantos apreciam as obras da intelligencia e da alma portuguesa.

Agradecemos a offerta que nos foi feita, bem como a poesia dedicada ao director de **O De Aveiro**.

A edição é da Livraria Central de Bernardo de Sousa Torres, d'esta cidade.

Crenças

Ouvi-me bem, filósofos ateus! Eu creio, sim, na Consciencia Humana, Nascida no palaeo ou na choupana, Mas quando inspira, a sua crença em Deus.

Ha Deus, não diz a Fé, e então em Deus eu creio. E vejo-o em toda a parte, e sinto-o no meu seio, Imperador do Bem, Monarca da Bondade,

O Deus dos oprimitos, O pai da Humanidade, Aquele que dá vida e canto ao rouxinol, Que faz brilhar a lua e faz nascer o sol, Que inspira aos corações a santa Liberdade,

O Deus dos oprimitos, O pai da Humanidade! Eu presto adoração ao Deus da Consciencia, E creio na Virtude e creio na Ciencia Que inspiraram Pasteur—o Deus das invenções— Marconi e Gulltberg, Edison e Caneles, E muitos sábios mais. Papin fez o vapor, Franklin o pára-raios, e Deus fez o Amor! E é neste Deus que eu creio, O Deus da Humanidade, Da vida com saúde, Do Sol, da Liberdade!

Na Virgem tambem creio. Inspira-me no Bem A sua formosura e o seu amor de mãe! Eu creio na beleza e creio no amor, Cantando a vida pura e maldizendo a Dóe! Eu creio pois no Bem, no belo e nas flores, Nos ternos matrisiaes, em cantos dos amores, Nas noites de luar, nas noites estreladas, Fazendo-nos sonhar, as noites das guturradas!

A Natureza é minha, reina sem cessar, Na solidão da Terra ou no rugir do mar! Eis pois bem definida a minha religião, Que tem por credo augusto as leis do Coração, Da Justiça e do Bem—as leis da Consciencia, Nascidas do amor e vindas da Ciencia Que desvelou na vida os dons da Humanidade, Que são a Formosura, o Sol e a Liberdade!

Procopio de Oliveira.

Meu Ex.^{mo} e Presado Amigo.

Casa de V. Ex.^a, Coimbra—Celas, 5—3—1917.

Tem o meu Ex.^{mo} amigo com mão de mestre mostrado a incoerencia flagrantissima d'aquelles **catolicos portugueses** que, cometendo um crime hediondo em fazer propaganda germanofila, cometem outro não menor perante a consciencia, de se mostrar apologistas de um Povo, cujo catar, sempre tem sido o de ser o mais feroz e implacavel inimigo do catolicismo; o Povo Alemão. O genio alemão é naturalmente inimigo e estranho ao catolicismo. Odeia-o intuitivamente, e odeia-o por natureza. Historicamente Lutero é a encarnação do ideal de independencia e de liberdade da Alemanha. Escreve Heinrich, na sua Historia da Literatura alemã, «que no mundo politico, como no campo religioso e intelectual, Lutero appareceu no momento propicio. A quebra de todos os entraves da antiga organização social era o voto intimo e secreto de quasi todas as almas. Lutero correspondeu á efetivação d'esse ideal, tomô I, pag. 443.» Nós já estudámos este ponto e a valer, no nosso tempo de estudante de Direito da Universidade de Coimbra. Lemos e meditamos essa obra enorme e algum tanto já antiquada de Jean Janssen sobre a Reforma e os tempos que a precederam. Esta obra tem uma edição contemporanea devida a Luis Pastör, autor da «Historia dos Papas», e um dos Historiadores catolicos mais celebres da Alemanha. Vimos o retumbante barulho que produziu em toda a Alemanha, as polemicas violentas a que deu causa, estudámos o trabalho de Eurico Denifle, frade dominicano, uma das organizações mais combativas e eruditas da Alemanha catolica, obra de fogo e de ruína que tem o nome de Lutero e o Luteranismo de que temos um trabalho completo na tradução franceza de Paquier, completada por Weiss, dominicano e amigo de Denifle, pois este morreu deixando apenas dois volumes, quando a obra completa na edição franceza, é de cinco.

Foi Weiss o encarregado de levar ao fim os trabalhos de Denifle sobre Lutero. E as polemicas, discussões, injurias que tal obra produziu na Alemanha protestante, que é quasi toda a Alemanha?

Depois apparecem-nos os livros do Jesuita e celebre historiador Hartmann Grisar que, num livro notavel, «Lutero» já trata o grande revolucionario menos acerbamente do que os historiadores catolicos mencionados, e, em especial do que Denifle. Acompanhamos, conforme pademos, as discussões sobre a Reforma e em especial sobre Ignacio de Loyola entre o Jesuita Duhr e o pangermanista S. H. Chamberlain. Lemos e meditámos os livros de Matuschach sobre o catolicismo, o mais distinto escriptor alemão catolico, e não olvidámos as obras do notavel historiador catolico Georges Guyau sobre a Alemanha catolica e protestante e sobre o culturramp.

A ideia que mantemos a esse respeito e que temos é a de que «o genio germanico concretiza-se na obra e no genio de Lutero.» A civilização germanica começa a desabrochar a partir da data da «Revolução Religiosa do seculo XVI e de então até ao seculo XX, as lutas da Alemanha não foram mais do que uma longa e dolorosa ascensão do genio e da obra de Lutero para a independencia da Alemanha, e sua constituição independente e autonoma, sob a direcção da Prussia, dos Hohenzollern.

Tiodoro Cuzons, o mais notavel dos historiadores catolicos francezes contemporaneos, na sua obra superior sobre As Origens da Inquisição, não o diz claramente, mas chega a dar a ideia de que o genio de Lutero e o genio alemão confundem-se.

Crozals na sua obra «Histoire de La Civilisation», tomô II, pag. 33, escreve que o protestantismo é um fruto essencialmente germanico e é nisso que os protestantes alemães tem razão em ver em Lutero uma personificação do espirito da sua raça. Sublinhamos esta passagem, tanto mais importante quanto Crozals se não é escriptor catolico, em toda a sua obra é francamente favoravel aos catolicos. Mas cremos que Crozals é catolico. Conვენçamo-nos d'esta grande verdade: o Imperio Alemão é fundamentalmente um estado de natureza protestante e hostil ao catolicismo.

Chamberlain é considerado em certos meios intellectuais da França, como o filosofo privativo de Guilherme II. Ou seja, ou não seja. K. Chamberlain o filosofo querido e particular de Guilherme II, é indubitavel que a sua obra La Genese do seculo XIX é considerada entre os Alemães como o trabalho mais celebre que sobre filosofia social viu a luz no seculo XX, ou antes, na ultima parte do seculo XIX. Esta obra é primeiro que tudo uma obra anti-catolica.

O historiador Janssen é tratado com o maior dos desprezos e na frase desse filosofo não passa Janssen de ser um rétes feticulario e um yapsario de documentos. No tomô II da sua obra, no capitulo intitulado Roma, escreve que o Papa do copiou da Babilonia toda a sua instituição religiosa e que na destruição dessa noventa e anti-christã instituição Romana está a garantia do triunfo da civilização germanica e A. E. no capitulo intitulado Monotheismo, pag. 1463, dirige um ataque violentissimo á filosofia catolica e civilização. (Ele não lhe dá esse nome, chama-lhe barbaite) do mundo catolico. A ideia principal dessa obra celebre é que a maior obra a fazer no seculo XX é destruir Roma e esmagar todos os restos d'essa obra miseravel dos Papas.

Faeter, no seu livro Historiografia Moderna fala dos historiadores catolicos alemães e acha que foi já muito justo e benevolente dizendo que não passam de uns panfletarios mais ou menos sinceros, mais ou menos eruditos, pag. 715, obra mencionada. Não longe podiamos ir n'este assumpto! Queremos apenas marcar mais uma vez a incoerencia, a ignorancia, enfim o crime, de todos os que para traíçour a nossa Patria, não hesitaram até em lançar mão do que mais lhes iria e ia ferir a sua consciencia: a Religião. Pois não será a Alemanha, o imperio alemão dos Hohenzollern basicamente um estado anti-catolico? Porque não achar até n'este ponto logica e natural a nossa intervenção na guerra a favor dos aliados e da França, a Nação Mãe de toda a cultura classica, o Povo requintadamente religioso e finamente crente?

Mas não, da Alemanha vio-se apenas o espirito ferozmente autoritario e inimigo das democracias—aparentemente porque o Povo Alemão e o Estado Alemão são muito mais democratas e estão muito mais democratizados do que os reaccionarios portugueses na sua intolerancia estúpida julgam—e da França vio-se o que Ela de menstinha: a intolerancia e o sectarismo!

A França é requintadamente religiosa. Da sua religiosidade fina e sentimental, é que alguns filosofos já prevêm que o futuro das democracias corresponderá a uma maior elevação do sentimento religioso, correspondentemente a uma melhor depuração do espirito da Religiosidade. Em tudo, absolutamente em tudo, se tem ostentado a falencia das nossas elites, a falencia miseravel do que podemos chamar as classes elevadas.

A maior parte dos emigrados portugueses viviam em França, viviam na Belgica; pois estava a guerra; vêm para Portugal, cheios de ódio

contra os Alemães que atacaram as Nações hecricas que lhes davam hospitalidade??!

Foi o contrario. Vieram mais é cheios do mais estúpido e miseravel dos germanofilismos, que é duplamente a ingratitude para as Patrias que os tinham acolhido, e para a Patria de que eram e são infelizmente filhos. E' a mordedura da vobora. E como a occasião era propicia para os catolicos verdadeiros, tomarem uma attitude logo em seguida ao rebentar da guerra, franca e claramente em defesa dos aliados, da Inglaterra a nossa mais antiga e fiel aliada, da Belgica a nação catolica por excelencia, da França a filha mais velha da Igreja, essa Nação a que a pena eloquentissima de Godefredo Karth, já mais deixou de prestar a homenagem sincerissima, ao seu valor e d'ua epopeia eterna.

A Historia do mundo, não se pôde conhecer, sem estudarmos a Historia da França, é ler o prefacio celebre com que Kurth abre a sua obra Clovis—«A Historia da sociedade moderna gravitou durante muitos seculos em volta de um Povo predestinado, que escreveu paginas das mais memoraveis... o primeiro depois da queda do mundo antigo, lançou um germen de vida no poema da morte em que jazia a humanidade e da podridão do Imperio levantou uma opulenta civilização. Após quatorze seculos de uma vitalidade incomparavel, o seu genio não desfaleceu... árde sob as cinzas das revoluções, permanece cheio de vida e calor, e quando n'ete se põe a mão, sente-se palpitar a alma do mundo». E quando nós vemos o que tem acontecido em Portugal, com as classes ditas catolicas e conservadoras na presente guerra, sentimos deveras que dos ceus ou dos infernos não tenha vindo um raio que fulminasse para sempre tanta ingratitude, tanto crime, tanta ignorancia e cabotismo. Dos ceus ou dos infernos sim, porque o que se está passando em Portugal, ultrapassa as marcas do bom senso e para não escrever, as da decencia.

Este Pais vai n'uma descida temerosa, e não vemos salvação para a nossa Patria sendo, quem sabe, talvez que os que vierem da guerra ajudados pelo bom senso do nosso admiravel Povo e de poucos, rarissimos espiritos cultos de Portugal, possam salvar esta Patria.

Abraça V. Ex.^a admirador, seu amigo e obrigado, Silvio Póico Filho.

José de Sucena

Lemos no Diario Nacional:

Pela ultima Ordem do Exército foi promovido a aspirante miliciano e colocado em artilharia 8, o nosso prezado amigo sr. José de Sucena, a quem hoje tivemos o gosto de ver já restabelecido. Felicitando o moço aspirante apresentamos-lhe os mais sinceros votos, em nome do Diario Nacional, para que continue, na sua nova carreira, a honrar um nome credor de tanta benevolencia da parte de todos os portugueses.

Juntamente os nossos votos aos do Diario Nacional, certo de que o sr. José de Sucena ha de corresponder a elles, conheedor como somos, do seu caracter e da sua intelligencia.

A elle e a seus paes, os nobres Condes de Sucena, os nossos mais cordaeos e mais sinceros parabens.

Correios

Começamos a receber queixas das victimas dos correios. Pois venham ellas, que a nenhuma justificada deixaremos de dar acolhimento. Venham ellas, ficando todos certos de que sem preteitos successivos não haverá meio de pôr cobro aos abusos. Se nos correios em geral ha homens honestos, e muito espontaneamente e com prazer reconhecemos que os ha, se a grande maioria mesmo é composta de gente séria, ha por lá uma minoria de patifes que para utilidade de todos e honra da propria corporação urge pôr a descoberto. Independente d'isso, ha muitos descuidos commetidos pelos proprios que são honestos, e que praticamente dão resultados eguaes aos dos abusos. De boas intenções está o inferno cheio. Que importa, lá ser boa pessoa não se fazendo o servico com zelo e escrupulo? Ora sem castigo, castigo legal ou moral, e a publicidade por meio da imprensa constitue, pelo menos, um castigo moral, não acabam os descuidos.

O sr. Francisco do Nascimento Correia, natural d'esta cidade, recebeu no dia 10 de Fevereiro um bilhete postal de Lisboa, avisando-o de que tinha na posta restante de Aveiro uma carta para si. Dirigindo-se n'esse dia á noite ao correio para a levantar, ali lhe foi entregue a carta aberta. Quem a abriu? Sabe-se, que no correio de Aveiro tem succedido, este caso muitas vezes. De velha data allí tem sido violada a correspondencia. Essa accusação já foi feita na imprensa local, em virtude d'ella veio aqui uma syndiancia, e da syndiancia resultou apurarem-se faltas varias. Se sim ou não continuou a commetter-se esse crime, que o é e dos mais graves, ignoramos. Mas o que é certo é que pelo menos agora, no caso do sr. Francisco do Nascimento Correia, o facto repetiu-se, e é o proprio chefe da estação de Aveiro quem declara que se inclina a crer que a violação foi commetida pelos proprios empregados do correio. O sr. Francisco do Nascimento Correia formulou a sua queixa, entregou-a ao director dos correios de Aveiro, este mandou averiguar e o chefe da estação escreveu isto:

Envio a V. Ex.^a o ineluso processo e pelas averiguações a que procedi nada pude concluir visto as informações, tanto do pessoal da secção do fiel como pelas das dos distribuidores. O que é talvez possível é que a carta desse entrada na secção do fiel metida em qualquer officio e que qualquer continuo pouco escrupuloso a abrisse e a deitasse no mar.

A carta foi entregue ao sr. Francisco do Nascimento Correia aberta, como já disse-mos, e tendo escripto a lapis no verso do sobrescripto: Não me perlice, e por engano abri, e a tinta: Retirada d'um dos marcos aberta. Assignado: Reis, distribuidor n.º 3.

Tudo isto foi feito grosseiramente, denotando a leitura do processo, que é muito interessante, que a carta foi effectivamente aberta no correio, nem podia deixar de o ser vistas as declarações dos distribuidores que fazem parte do processo, e, depois de aberta, deitada no marco, se é que o foi. A impressão que nos ficou da leitura do processo é que este foi feito para iludir o ver, e que com mais um bocadinho de vontade não seria difficil dar com o criminoso.

Repetimos, este facto dos empregados do correio violarem a correspondencia é velho em Aveiro. Dantes, era sabido que carta suspeita de ser d'amores era sempre aberta. Ora isto é muito grave e sem o nosso mais energico protesto não ha de ficar impune.

A toda a gente que tenha sido victima d'irregularidades no correio, de Aveiro nós pedimos que as denunciem, pois, outra vez dizemos, é a unica maneira de lhes pôr cobro.

Um amigo de Lisboa escreveu-nos d'alli em 3 do corrente dizendo-nos: Mandei-lhe hontem para ahi o livro... tal. Até hoje, o livro que nunca mais appareceu. Nem no marco postal, e aberto já, infelizmente!

O nosso amigo de Lisboa apresentou alli a sua queixa na Direcção-Central. Vamos a ver o que esta averigua.

E, por hoje, ficaremos por aqui.

Harmonia Iberica

Andam agora os jornaes portuguezes a discutir muito os artigos do Imparetal, de Madrid, que a gazeta madrileña tem publicado sob o titulo Harmonia Iberica, e que, aliás, não lemos.

Esperem-lhe pela malhoada! Tudo isso são passes para, salvo seja, nos comerem.

D'esses é que o Arriaga, que Deus haja, tambem podia dizer: Você é que os conhece melhor do que ninguém. Pode-me levar tempo a conhecer. Mas em conhecendo, conheço por uma vez e para sempre. E conheço-então... melhor do que ninguém. Conვენçam-se!

Patetas!

Escreve o Dia:

O sr. Magalhães Lima, n'uma carta ao director da Manhã, prevê para depois da guerra um grande triumpho para a Democracia—com D. grande. Que por cá se digam esta e outras pachuchadas comprehendem-se. Mas que o sr. Magalhães Lima, vivendo ha longos mezes em França, ainda não visse o que por lá va e tem visto todos os que se demoram nos paizes aliados e não são inteiramente cegos d'alma, isso nos parece perigosa ophthalia. Não é p'ra frente que se marcha. A não ser que a integração das nacionalidades nas suas instituições e principios tradicionaes, ao regresso á Ordem, á Fé e á Autoridade, ao que nós chamamos progresso, de o sr. Magalhães Lima o nome de Democracia. Sendo assim estará certo. De contrario o que va acontecer-lhes é levarem maior tombo do que se caissem da Torre Elitai sobre o campo de Marte!

Patetas! Tambem os senhores viram, antes da guerra, que a França estava corrompida, que o exercito francez estava indisciplina, que a Alemanha leparia tudo a pontapé, se entrasse por allí dentro. E a França, por assim dizer sózinha, venceu o exercito alemão na batalha do Marne e sózinha aguentou o peso enorme da investida alemã em Verdun.

Não tenham illusões, patetas. A França é muito religiosa, não ha duvida nenhuma. No fundo da alma franceza dormita sempre o espirito tradicional e conservador. Mas a victoria dos aliados, firmemente o affirmámos e per-se-ha com o tempo, é o triumpho da democracia.

Cartas de Longe

Vão hoje na 4.^a pagina, por conveniencia de paginação.

GRAVE

Com este titulo recebemos do sr. dr. Lourenço Peixinho o communicado que se segue:

Com este titulo, publicou o jornal Distrito de Aveiro, no seu numero de 4 do corrente, uma local, que não é bem a expressão da verdade.

No dia 26 de fevereiro ultimo, adoeceu uma asylada, com dores de cabeça, vomitos, prisão de ventre e uma pequena reacção febril. Com o diagnostico provisorio de meningite, mandei-a immediatamente isolar de todas as outras asyladas, alem da medicação apropriada, instituida. Como no dia seguinte fixasse definitivamente o mesmo diagnostico, procurei logo, o Ex.^{mo} Sr. Arnaldo Ribeiro, membro da Junta-Geral do Distrito, encarregado das duas secções do Asylo Escola Districtal, afim de lhe propôr a remoção rapida da doente, para o hospital d'esta cidade, o que foi feito, passadas umas duas horas e onde morreu no dia 6 do corrente n'um quarto particular, tendo sua mãe junto de si. Depois d'isto, ninguém mais

adoeceu alli, com qualquer doenca. E' este o unico caso de meningite que se tem dado na secção feminina do Asylo Escola Districtal de Aveiro, desde que sou medico privativo da casa, ha perto de 11 annos.

Lourenço Peixinho

Medico privativo do Asylo Escola Districtal.

Estamos muito conyencido de que o nosso collega Distrito de Aveiro não pretendeu fazer nenhuma insinuação em detrimento do sr. dr. Peixinho, cuja intelligencia, probidade e zelo são de todos conhecidos. Alem d'isso o sr. dr. Lourenço Peixinho tem dado tantas provas de benemerencia como provedor da Santa Casa da Misericordia, tem demonstrado qualidades tão notaveis como administrador do hospital, que só tem direito ao reconhecimento e ao apreço de todos os naturaes d'esta cidade.

Propaganda Nacional

Final da carta do sr. Antonio Maria Monteiro anteriormente publicada:

E' pena que todos os seus artigos Portugal na Guerra e outros como o Patriotas do n.º 49 não sejam largamente espalhados gratuitamente por todo o paiz. Para um homem só é empresa difficil e dispendioso, mas para milhares era facilissima. Se todos os assignantes e leitores de O de Aveiro se cotisassem com dois ou tres escudos o caso seria de relativa facilidade. Eu pela minha parte estou pronto. Ah! fica o alvitre e oxalá que seja acolhido com o mesmo entusiasmo com que eu o lembro.

Neste momento em que os nossos bravos soldados pisam, a herotica terra da França, e que outros e outros se seguirão era de um alto interesse patriotico espalhar os seus artigos. Talvez se evitassem as deserções, embora poucas, que agora se deram, (só de uma freguezia deste concelho, Vila Cova, desertaram trez ou quatro do regimento 34), e fariam crescer o entusiasmo, que tão necessario é nestas occasiões.

Transporte	60\$700
João dos Santos Pereira (Peruinhos—Freixial de Cima—Alemquer)	2\$000
De um Estudante Sebastianista (Coimbra—carta abaixo publicada)	500
Total	63\$200

Ex.^{mo} Senhor

No ultimo numero de «O de Aveiro», volta V. Ex.^a á carga sobre a Universidade e a Academia de Coimbra. Muito bem! Apoiado!

V. Ex.^a tem taguejado isto com denodo e valentia. Muito bem! Apoiado!

Promete V. Ex.^a continuar brandindo o fúero—fúero é uma modalidade brilhante e providencial da pena de V. Ex.^a—sobre o estaloço acordado de D. Porcaria. Pois continue! gritando: Muito Bem! Apoiado! Mas, Excellentissimo senhor Homem Cristo, cautela com os seus informadores. Olhe que eles tem-lhe dito, de natura com verdade, muita fofoca e ate muita infamiasinha. Se desertou um estudante. Correu que tinham desertado mais, mas era mentira.

Tudo uma indecência, uma canalhice, uma estupidéz—uma vilania! Isto é um pandemonio, uma palermice—uma rasalheteira. Ninguém se entende! Isto é o Caos! E' preciso muita paciencia. De V. Ex.^a muita paciencia. Porem, comece pelos informadores e que seja eu o primeiro a apunhar, se isso lhe parecer conveniente.

Pancada! Castanha! Com pancada e castanha tenho certeza de que a geracao se salva. A tempera não é má, senhor Homem Cristo, e já tem dado provas disso. O que precisa é de bigorna e martelo. Venha um bom ferro! e ainda havemos de ver inteiro... o leão do monumento a Camões ou qual, tal como está, sendo para o Fialho o simbolo da Academia, lhe explicas, o facto de, tendo Coimbra trez mil varões das familias eleitas, do paiz, todos na idade da força e da idade, não ser nem sequer, um posto de padroeiro seleccionado.

Nessa altura a Academia ter-se-ha maribado para os politicos e para a politica, agitada grande porca do Bordoal. Na verdade, senhor Homem Cristo, o grande mal da Academia é o grande mal de todo o paiz: a politica. Cada um anda a sonhar ser deputado ou governador civil e dai o acorrentarem-se a uma ou outra quadrilha—parabens a V. Ex.^a pelo sobreiro qualificativo—dai o chafurdarem todos na monteiro.

E' verdade que surge agora uma corrente de ideias que é bastante simpatica, não como sistema politico—não a conheço sufficientemente para poder sympathizar ou antipathizar com ela, debaixo desse ponto de vista, e ate das impressões que tenho, parece-me uma doce illusão, que a victoria dos aliados e a consequente marcha dos poops, irá desfazer,—mas como reacção contra a fraudalugem e a vergonha dos partidos.

Porem desconfio, pelo frontispicio de certos apregoadores, que traga tambem o maldito virus no intimo.

Pancada! Castanha! Está um vento lavado. Batem as janelas, batem as portas. Pancada! Castanha! Um gato mia nas escadas! Pancada! Castanha!—E não já daqui atirar-lhe com uma bola.

A chaminé de lata da minha vizinha foi arrebatada e lá va eta a balsar pelo espaço como que confirmando a definição de Junqueiro. Pancada! Castanha!

Excellentissimo senhor Homem Cristo! Isto naturalmente está perdido. Mas talvez venha um dia uma manhã de novoio redentora. Pancada! Castanha!

Ennio a V. Ex.^a em estampilhas, esse pequenito obolo para auxilio da publicação dos seus esplendidos artigos de propaganda patriótica. Não va mais porque não pode ser. Tenho os fundinhos das calças no prego.

De V. Ex.^a Admirador

Um Estudante Sebastianista.

Coimbra, 6 de Março de 1917.

Recreio Artístico

O Recreio Artístico resolveu este anno commemorar com uma festa patriotica o anniversario da sua fundação. No dia 19, algumas das nossas tricanas mais gentis venderão flores pelas ruas da cidade, revertendo o producto a favor dos feridos da guerra. E á noite haverá uma sessão solenne no theatro.

No domingo, vespera do anniversario da fundação do Recreio Artístico, e da festa patriotica que elle promove, falaremos mais de espaço sobre o acontecimento.

CARTAS DE LONGE

(Terceira Seman)

Lourenço Peixinho

XV

Roma triumphou de Carthago e de Fenicia...

A prosperidade e os progressos rapidos do espirito mercantil...

Parentes aqui um instante e philohepismo. E o thema d'essa philohepia deve ser o de que tudo e bello neste mundo...

Na carta anterior vimos como Roma foi moralizada. Agora estamos vendo o motivo da sua immoralidade...

Os cultos orientaes, dissolutos e excitantes, começaram a divulgar-se...

A ordem queste que era antes uma classe de proprietarios abastados...

hiam todos os vicios da plebe das ricas cidades mercantiles...

Pois os leitores não veem aqui, em grande parte, o espelho da nossa sociedade?

Maio farão apparecer, mesmo, a aristocracia romana, uma geração de jovens politicos, nobres, orgulhosos e avidos...

Não resisto á tentação de interromper o que estou transcrevendo para exclamar: isto e tal qual, em quasi todos os seus pontos...

Não tinhamos sob o nosso dominio, os paizes civilizados, e barbaros, mas de raça branca...

Reparem que estamos transcrevendo, que é tal qual a sociedade portugueza. Reparem, e verão a insensatez dos integralistas...

adulterios e os divorcios tornaram-se mais frequentes e o tribunal domestico nunca mais foi coproceder...

Pobre homem

Foi no n.º 48 d'este semanario que em dei a primeira vez ao Sr. José Pedro Pinto da Veiga...

Estamos a fazer de provar, em alguns dos artigos que separam a semana sahem neste periodo...

Eu quero, diz o pulha, e peço isto em nome da justiça, que o senhor nos diga no seu jornal o nome desses traidores...

Se algum tem auctoridade para me fazer essa exigencia são aquelles que de forma bem transparente eu tenho visado...

Torres, a proposito do dicto antes Affonso XIII do que Affonso Costa o traidante...

Qual causa, canalha? A causa das quadras, a causa dos bandidos, a causa dos traidores...

Qual causa, canalha? A causa das quadras, a causa dos bandidos, a causa dos traidores...

Jardins Escolas João de Deus

Do «Boletim de Propaganda» da Associação de Escolas Móveis e Jardins Escolas João de Deus...

Aqueles que assistiram ao festival de 8 de Março de 1895 e aos funeraes de 13 de Janeiro de 1896...

Enterrou-se há poucos dias, um dos nossos sahies — foi conhecido pelo Herodes das crianças...

de aspecto, tudo se tornou simples, heido, trans-parente...

Depois d'isso, o Sr. Affonso Costa o traidante...

Esta «Cartilha Militar» bateu o record de todos os «decalques» dos diversos cartilheiros...

Podia lá ser! gritaram os «cartilheiros» da pedagogia scientifica...

Pois declare-se-lhe guerra sem quartal! De tal propaganda, resultará o espirito mercantil...

Com o método João de Deus acabava-se o analfabetismo dos adultos...

Neste numero já não ha espaço para o malandro Fica para o numero immediato...

Cospenelle & Sucios